

# LAÇOS FINAIS: NOVAS ABORDAGENS SOBRE ETNICIDADE E DIÁSPORA NA AMÉRICA LATINA DO SÉCULO XX: OS JUDEUS COMO LENTES<sup>1</sup>

JEFFREY LESSER<sup>†</sup>  
RAANAN REIN<sup>\*\*</sup>

Tradução de  
Luciano Dutra de Oliveira<sup>\*\*\*</sup>

---

## RESUMO

O interesse acadêmico sobre os judeus como um assunto dos estudos latino-americanos tem crescido acentuadamente nas últimas décadas, especialmente quando comparado à pesquisa sobre outros latino-americanos com ascendência no Oriente Médio, Ásia ou Europa Oriental. É neste contexto que propomos a utilização do termo “judeu latino-americano”, em vez de “judaísmo latino-americano”, a fim de mudar o paradigma dominante sobre a etnicidade na América Latina através do retorno da “nação” para uma posição de destaque. Este artigo avança em uma série de proposições que devem ser úteis a todos os alunos de etnicidade na região, especialmente para os acadêmicos que trabalham com as minorias cujos ancestrais foram religiosamente caracterizados como não-católicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Judeus; Diáspora; Judeus latino-americanos; Sionismo.

## ABSTRACT

Scholarly interest in Jews as a subject of Latin American Studies has grown markedly in recent decades, especially when compared to research on other Latin Americans who trace their ancestry to the Middle East, Asia or Eastern Europe. It is within this context that we propose the use of the term “Jewish-Latin American”, rather than “Latin American Jewry”, in order to shift the dominant paradigm about ethnicity in Latin America by returning the ‘nation’ to a prominent position. Our essay advances a series of propositions that might be useful to all students of ethnicity in the region, particularly to scholars working on minorities whose ancestors were characterized religiously as non-Catholic.

**KEYWORDS:** Jews; Diaspora; Nikkei; Jewish-Latin America; Zionism.

---

A etnicidade é uma freqüente área de estudo nos séculos XIX e XX na América Latina. Entre os temas mais freqüentes estão os estudos sobre negros e brancos em lugares como o Brasil, Caribe e Venezuela; a relação entre índios e brancos no México, América Central e nos Andes, e a hegemonia dos europeus brancos católicos sobre os vários grupos subalternos no Cone Sul.<sup>2</sup> A produção acadêmica sobre etnicidade, no entanto, raramente incide sobre os latino-americanos que tem sua ascendência no Oriente Médio, Ásia ou Europa Oriental, ou aqueles cujos ancestrais foram caracterizados pela religiosidade como no Oriente Médio, Ásia ou na Europa não-católica. Hoje, as pessoas nessas categorias compreendem pelo menos dez milhões de latino-americanos.

Os judeus são um grupo sobre o qual tem havido um aumento notável do interesse acadêmico, (distinto da produção com base comunal discutida abaixo). A maior parte destas pesquisas acadêmicas foram conduzidas por estudiosos nos Estados Unidos e Israel e era vista como “Estudos Judaicos”, um termo replicado nas poucas universidades latino-americanas com programas neste campo.<sup>3</sup> Esta posição continua em grande parte da produção e no ensino fora dos Estados Unidos, onde os alunos aprendem sobre a América Latina sem ouvir sobre a presença judaica (ou do Oriente Médio ou da Ásia). Em contraste, nos Estados Unidos, o estudo sobre os judeus começou a ser integrado nos Estudos Latino-Americanos, embora, ironicamente, os judeus latino-americanos continuam a ser marginalizados ou ignorados como um setor dos Estudos Judaicos.

## **UMA NOVA LINGUAGEM**

A linguagem descritiva é fundamental para os estudos sobre grupos étnicos que são definidos mais amplamente como “*um grupo de pessoas auto-conscientemente unidas, ou intimamente relacionadas por experiências compartilhadas*”.<sup>4</sup> Em muitos casos, os acadêmicos usam uma linguagem de definição que é bastante diferente da utilizada tanto pelo grupo que estudam como pela maioria da população nacional. Este é certamente o caso para o termo “Judaísmo Latino-Americano”. O termo, freqüentemente usado na literatura acadêmica, sugere uma ampla identidade hemisférica, mas os indivíduos se definem em três

formas conflitantes: como judeus, sem referência à nação, como cidadãos, sem referência à etnia judaica, e como judeu-(preencher a nação aqui). Essas autodefinições colocam-se em contraste marcante com a categoria acadêmica de “Judaísmo Latino-Americano”, que deriva de duas fontes diferentes. Uma delas é a organização social e política judaica transnacional, geralmente baseada nos Estados Unidos e Israel, que categoriza os judeus de forma regional e não nacional.<sup>5</sup> A segunda emerge dos estudiosos, baseada principalmente fora da América Latina, cujas perspectivas de diáspora muitas vezes os levam a presumir a similaridade baseada na linguagem (isto é, espanhol) e no *status* de minoria (ou seja, sendo judeus em sociedades predominantemente católicas).<sup>6</sup>

O termo “Judaísmo Latino-Americano”, no entanto, não é neutro nem descritivo. Na verdade, impõe uma resposta para o que deveria ser uma questão de pesquisa importante: “Qual é a relação de membros de grupos minoritários com o estado nacional e suas pátrias de origem?” Esta questão é fundamental para a compreensão das identidades multicamadas e fluidas dos indivíduos e grupos dos judeus, asiáticos, do Oriente Médio, e dos indivíduos de ascendência europeia, bem como as populações que precederam a chegada dos europeus. O termo “Judaísmo Latino-Americano” pode ser preciso para aqueles que se consideram judeus em primeiro lugar (e talvez até mesmo quem questiona sua identidade Latino-Americana), mas a pesquisa não confirma se este é o caso de todos os judeus.

Propomos aos estudiosos considerarem o uso do termo judeu latino-americano em vez de Judaísmo Latino-Americano. Esta formulação enfatiza a identidade nacional sem negar a possibilidade da identidade diaspórica. Além disso, o hífen recorda os primeiros dias de estudos étnicos nos anos sessenta, quando muitos cidadãos dos Estados Unidos lutaram para serem chamados de nipo-americano ao invés de japonês ou mexico-americano, em vez de mexicano. Nosso uso do termo judeu latino-americano, assim, muda o paradigma dominante sobre etnicidade na América Latina, retornando a “nação” para uma posição de destaque apenas em um momento em que a “transnação”, ou talvez nenhuma nação, é muitas vezes um pressuposto inquestionável. Outra forma de apresentar o nosso argumento seria a de considerar um contínuo, com um tipo ideal de judeus diaspóricos para a

América Latina em uma extremidade e um tipo ideal de judeus latino-americanos nacionais na outra. Tal “contínuo” substituiria o que parecem ser os falsos binários e dicotomias que foram impostos sobre a história dos judeus desde a Antiguidade. A diáspora, afinal, domina a história e a imaginação do povo judeu. E a historiografia tende a apresentar o suposto dilema encarando os judeus da diáspora a partir de duas opções: assimilar a cultura circundante, diluindo suas próprias tradições, ou separar-se do mundo em geral, a fim de preservar a pureza da sua fé e herança. Erich S. Gruen mostra que, já no período antigo, *“para a maioria dos judeus, a retenção da identidade judaica e a acomodação às circunstâncias da diáspora eram objetivos comuns e muitas vezes alcançados com sucesso”*.<sup>7</sup>

Certamente os judeus não detêm o monopólio da diáspora e a relação entre a identidade étnica nacional ou imigrante não é exclusiva dos judeus. Pelo contrário, as experiências judaicas nos permitem compreender melhor as experiências de outros grupos étnicos na América Latina, cujas vidas são frequentemente retratadas apenas dentro de círculos de comunidades fechadas. Nossa abordagem é dupla. Primeiro, o estudo sobre etnicidade deve incluir pessoas que não são vinculadas a instituições da comunidade. De fato, a pesquisa contemporânea sugere que a maioria dos membros de grupos étnicos na América Latina não é afiliada às associações étnicas locais e suas estruturas. As noções de “comunidade étnica” são enganosas quando incluem apenas os afiliados com organizações, locais de culto, clubes sociais, movimentos de juventude, etc. Em segundo lugar, vemos a etnicidade como uma peça dentro de um mosaico mais amplo de identidade. Neste sentido, a identidade pode ser analisada como uma moeda em um bolso cheio de moedas de diferentes valores. Às vezes precisamos de 25 centavos e temos apenas um quarto de etnia. Outras vezes precisamos de 100 centavos e a etnia é apenas uma moeda de um centavo do total.

Duas notas de cautela são necessárias aqui antes de nós trabalharmos sobre estas questões. Primeiramente, é fundamental que evitemos o essencialismo. A maioria dos judeus na América Latina são “judeus” no sentido cultural – e não no sentido genético, religioso, ideológico ou comunitário – e definem-se como tal. Além disso, nossos comentários não se concentram na

geração de imigrantes. Estamos bem conscientes de que em estudos detalhados devemos dar mais atenção ao tempo específico e ao estágio particular na história de cada grupo minoritário. É claro que para os imigrantes a nacionalidade do “país de origem” carrega mais peso do que a do “país de acolhimento”. Para esta primeira geração o fato de que eles representavam um grupo multi-étnico nacional foi de extrema importância e, nesse sentido, o caso judeu representa um complicado “grupo étnico multinacional”.

## **A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE O PASSADO JUDAICO**

Os judeus são um dos menores grupos étnicos da América Latina em termos demográficos e, junto com os de ascendência asiática e do Oriente Médio, são altamente visíveis social e economicamente. No entanto, o volume de trabalho acadêmico sobre os judeus latino-americanos ultrapassa os estudos sobre outros grupos. A literatura se divide em duas grandes categorias. Primeiro, a maioria das comunidades étnicas na América Latina têm uma produção interna significativa que é muitas vezes separada da historiografia nacional. Estas publicações são produzidas por organizações comunitárias ou indivíduos ligados a estas e incluem histórias institucionais, histórias orais, romances, contos e hagiografias.<sup>8</sup> Grande parte desta literatura enfatiza a singularidade, ou mesmo a superioridade cultural e visa a promoção da coesão comunitária, mantendo uma identidade étnico-nacional e a ajuda para mobilizar recursos.

É importante lembrar que a produção auto-referencial é comum entre todos os grupos étnicos da América Latina. A tendência para a produção interna é reforçada pelo fato de que muitos intelectuais, na maioria da América Latina, rejeitam a etnicidade como uma categoria importante de análise, mesmo se eles próprios são de outras origens étnicas. Esta ambivalência ajuda a explicar porque é que há relativamente pouco conhecimento acadêmico sobre a etnicidade latino-americana.

Uma maneira em que o conhecimento sobre os judeus latino-americanos se destaca é o recente *boom* na pesquisa publicada fora da região, notadamente nos Estados Unidos. Um breve olhar para as participações de qualquer

faculdade ou biblioteca universitária revela mais livros sobre os judeus latino-americanos do que sobre os descendentes de países da Ásia ou do Oriente Médio juntos.<sup>9</sup> Esta quantidade resulta de um conjunto particular de circunstâncias históricas que transformaram os estudos sobre os judeus latino-americanos em um “campo” de investigação aceito em disciplinas como história, literatura e estudos culturais.<sup>10</sup>

A história do “campo” mais conhecido como Estudos Judaicos da América Latina começou com a centralização da educação na universidade israelense dentro de um contexto internacional mais amplo em meados dos anos sessenta. Em 1966, a Universidade Hebraica de Jerusalém criou a seção latino-americana do Instituto do Judaísmo Contemporâneo, uma unidade própria formada em 1960. Os estudiosos israelenses que conduziam as pesquisas sobre a América Latina produziram duas tendências contraditórias. Uma colocava os acadêmicos israelenses confortavelmente dentro de uma comunidade mundial de acadêmicos de Estudos da América Latina, como Haim Avni e Yoam Shapira insistiram em um artigo de 1974 sobre os Estudos Latino-Americanos em Israel na *Latin America Research Review*.<sup>11</sup> No entanto, uma nova linha de investigação que foi desenvolvida em Israel foi o estudo dos judeus na América Latina. Os estudiosos que trabalharam nestes temas, notavelmente Haim Avni e seus muitos alunos e afiliados, enfatizaram o crescimento do sionismo na América Latina, o anti-semitismo, a imigração de judeus para Israel e as relações entre israelenses e latino-americanos.<sup>12</sup>

A abordagem gerada a partir do Instituto para o Judaísmo Contemporâneo provocou uma reação entre alguns latino-americanistas, para quem a “nação” era pré-eminente. A resenha de 1991 de David Rock para a edição inglesa do clássico de Avni: *Argentina e os judeus: A História da Imigração Judaica* (publicado pela primeira vez em hebraico em 1982 e logo depois publicado em espanhol pela AMIA, uma organização que representa a comunidade judaica oficial da Argentina), deixou claro: “... se o autor pode ser bem versado na história moderna do povo judeu, seu conhecimento da Argentina é na melhor das hipóteses rudimentar”.<sup>13</sup> A crítica de Rock revelou o que continuou a ser uma tensão entre os estudiosos das etnias na América Latina.

A primeira geração de acadêmicos que estudaram os judeus latino-americanos no Instituto do Judaísmo Contemporâneo deu uma contribuição fundamental, mas que foi pouco notada fora de Israel. Uma das primeiras publicações acadêmicas não-israelenses sobre o Judaísmo Latino-Americano foi levada a cabo por Martin H. Sable, um "*latino-americanista de fé judaica especializado em bibliografia*" na Universidade de Wisconsin (Madison). Sua enorme coleção de mais de 5.000 citações não menciona o artigo de Avni e Shapira no *Latin American Research Review* de 1974 apesar de mencionar alguns dos outros trabalhos de Avni. Mais importante é a lembrança de Sable de que ele percebeu a necessidade de uma bibliografia sobre temas judaicos na América Latina enquanto retornava para casa das orações do Sabbath. Para Sable, esta clássica memória étnico-religiosa levou a uma inspiração sobre a comunidade étnica com base na leitura sobre o Judaísmo Latino-Americano em Boston contido no livro *O Advogado Judeu*.<sup>14</sup> Nota-se a falta de uma relação com a produção acadêmica de Israel, ou qualquer trabalho acadêmico sobre o tema.

A recentralização do estudo do Judaísmo Latino-Americano fora de Israel surgiu em 1982 quando um grupo de estudiosos se reuniu na conferência da Associação de Estudos Latino-Americanos para discutir a "*intersecção entre os estudos latino-americanos e os estudos judaicos*".<sup>15</sup> Mais tarde naquele ano a Primeira Conferência de Estudos Judaicos Latino-Americanos foi realizada no Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion (Cincinnati). Nessa reunião, que ligava os estudos dos judeus nos Estados Unidos e na América Latina através de amplo uso dos American Jewish Archives, foi estabelecido o Latin American Jewish Studies Association (LASJA) e Judith L. Elkin, talvez a primeira intelectual americana a escrever sobre os judeus a partir de uma base latino-americanista e a publicar seu trabalho por uma editora conhecida por sua série latino-americana, tornou-se presidente da organização.<sup>16</sup> No ano seguinte, uma segunda conferência foi realizada na Universidade do Novo México, não por coincidência a sede da *Latin American Research Review* e um dos programas de Estudos Latino-Americanos mais ativos nos EUA.<sup>17</sup> Juntas, essas reuniões estabeleceram a ampla gama de interesses da LAJSA no que toca à organização tanto de estudos étnicos como de estudos regionais.

O estabelecimento da LAJSA mudou o estudo sobre etnicidade latino-americana nos Estados Unidos. Hoje, muitos cursos sobre Estudos Latino-Americanos Modernos nos Estados Unidos incluem discussões sobre os judeus (apesar de descendentes do Oriente Médio e Ásia ainda permanecerem não mencionados). As conferências acadêmicas dedicadas à América Latina freqüentemente têm artigos referentes aos judeus e cada vez mais em painéis cujos temas não são sobre os judeus latino-americanos.

Desde que a LAJSA surgiu, em parte fora dos Estudos Latino-Americanos, esperava-se que estudos subseqüentes tomassem a posição de que os judeus eram de fato um dos muitos componentes de uma sociedade latino-americana pluralista. As pesquisas produzidas desde 1982, no entanto, são muito parecidas com os estudos anteriores do Instituto do Judaísmo Contemporâneo, muitas vezes incorporando a ideia da primazia da diáspora sobre a identidade nacional. O que em 1982 parecia ser uma mudança intelectual agora parece mais um deslocamento de Israel para os Estados Unidos e outros locais de uma perspectiva aparentemente sionista para outra aparentemente étnica.

Examinando as publicações sobre Judeus e América Latina pós 1982, percebemos duas principais posições intelectuais. A primeira é a noção de que o judaísmo é a base primária (e às vezes exclusiva) de identidade. A vida judaica em qualquer país latino-americano é freqüentemente apresentada como semelhante a vida judaica em qualquer outro país específico. As pesquisas freqüentemente se concentram nos hábitos em comum, com dados extraídos de instituições formais da comunidade. O exemplo clássico é o livro *Os Judeus das Repúblicas da América Latina* de Judith Laikin Elkin<sup>18</sup> que comparou a vida dos judeus por toda a região. A produção que se seguiu após seu livro inovador era bastante semelhante com coleções editadas em títulos como *A Presença Judaica na América Latina*, *A Diáspora Judaica na América Latina* ou *A Diáspora Judaica na América Latina e Caribe*.<sup>19</sup> Surpreendentemente, os volumes baseados nas nações (como *Judeus da Argentina* ou *Judeus do Brasil*) tiveram a mesma abordagem, raramente fazendo comparações nacionais de judeus com outras minorias étnicas nacionais.<sup>20</sup> As monografias dedicadas aos judeus na América Latina, mesmo sobre países específicos e, muitas vezes, com

foco em temas específicos, são semelhantes aos volumes editados com ênfase na diáspora e nas referências comparativas aos judeus.<sup>21</sup>

Uma segunda suposição dominante é de que os judeus vivem em comunidades fechadas. Esta suposição surgiu em parte porque muito da documentação primária sobre os judeus latino-americanos foi escrita em iídiche ou hebraico, línguas que não são consideradas normativas nos estudos latino-americanos. Esta questão levou a décadas de invisibilidade acadêmica aos judeus latino-americanos, um ponto que Judith Elkin levantou há mais de 25 anos no prefácio de seu *Judeus das Repúblicas da América Latina*. As fontes em iídiche e hebraico muitas vezes criaram a impressão de que os judeus viviam sem relação com a sociedade em geral, um fenômeno que vemos também na investigação de outros grupos étnicos.<sup>22</sup> A abordagem da comunidade fechada também criou uma falta de debate metodológico, e nunca vimos uma publicação ou ouvimos uma palestra que propusesse que estudar os judeus, ou qualquer outro grupo étnico na América Latina, exigisse uma abordagem específica. Neste sentido, o estabelecimento das seções Íbero Latino-Americano do Instituto do Judaísmo Contemporâneo e da Associação de Estudos dos Judeus Latino-Americanos nunca alcançou seus objetivos implícitos de criar um “campo” no sentido acadêmico clássico da palavra.

O estudo sobre os judeus latino-americanos tem avançado em termos de qualidade e quantidade da produção nas duas últimas décadas, particularmente nos campos da literatura latino-americana, antropologia, estudos culturais e história. Os trabalhos acadêmicos sobre os judeus são muitas vezes colocados dentro de uma perspectiva mais ampla da sociedade e as principais editoras e revistas acadêmicas publicam regularmente algum artigo sobre este tema. Muitas pesquisas inovadoras sobre os judeus são encontradas em livros de dois ou três volumes escritos por pessoas formadas como especialistas em América Latina.<sup>23</sup> Eles vêem os latino-americanos de origem judaica como parte dos mosaicos étnicos e culturais que constituem as sociedades latino-americanas com suas identidades híbridas e complexas. Muitos desses autores focam-se nas relações dinâmicas entre judeus e não judeus na vida econômica, social, cultural e política. Além disso, um número crescente de estudiosos está questionando o

que as experiências dos judeus podem revelar sobre outros imigrantes e grupos étnicos e sobre o caráter geral das sociedades latino-americanas.

## **REPENSANDO O JUDAÍSMO LATINO-AMERICANO**

Este ensaio requer um equilíbrio entre uma análise das minorias étnicas seja como diáspora ou nacional ou diáspora e nacional. Esta tensão, e a rejeição do “ou” a favor do “e” é relevante para o estudo da etnicidade na América Latina num sentido mais amplo. Acreditamos assim, que o estudo sobre os judeus latino-americanos pode ajudar a articular novas abordagens para os Estudos Étnicos. Cada um dos comentários inter-relacionados abaixo começa com uma referência a uma suposição comum que desafiamos trazendo novas proposições de pesquisa:

(1) A maioria dos estudos sobre etnicidade enfatiza o excepcionalismo. O pressuposto da singularidade como categoria de análise a priori se manifesta na produção acadêmica onde os pontos de referência historiográfica são as experiências dos membros do mesmo grupo em países diferentes. Isto sugere que os judeus, por exemplo, são uma minoria ao contrário de outros e, portanto, quando se estudam os judeus argentinos ou brasileiros, só se deve estar familiarizado com as experiências dos judeus na África do Sul ou na Austrália.<sup>24</sup> O excepcionalismo sugere que a etnicidade seja um fenômeno transnacional e que os membros de determinado grupo étnico sejam tão separados quanto vítimas da cultura nacional. Esta tendência não é exclusiva aos estudos sobre os judeus. Pesquisas sobre os latino-americanos de ascendência japonesa, chinesa, libanesa, por exemplo, geralmente tem apresentado o grupo primeira e principalmente em sua condição de diáspora.<sup>25</sup>

Propomos que a etnicidade transnacional não é necessariamente um fator de identidade mais dominante do que a identidade nacional. As pesquisas sobre os judeus latino-americanos deveriam se concentrar no envolvimento com o contexto nacional a fim de criar comparações e, talvez, zonas de contato, com outras minorias étnicas como os poloneses, japoneses, chineses, sírios e libaneses.<sup>26</sup> Não temos conhecimento sobre nenhum projeto de pesquisa que já

tenha abordado a relação mútua e fluida entre identidade nacional e o suposto primado da solidariedade diaspórica entre os judeus. Como Jorge Luis Borges escreveu certa vez sobre um autor judeu argentino, pode-se dizer que os judeus argentinos sempre se esforçaram para serem “inconfundivelmente argentinos” e nos perguntamos se a tensão entre etnia e nação que seu comentário revela poderia ser um ponto de partida para uma pesquisa.<sup>27</sup> Parece que os antropólogos, no lugar dos historiadores, estão começando a adotar esse caminho.<sup>28</sup>

(2) A pesquisa sobre etnicidade na América Latina muitas vezes pressupõe que os filhos e netos de imigrantes expressam uma relação especial com o lugar de nascimento ou a pátria imaginada de seus antepassados. Está implícito nesta suposição a ideia de que as minorias étnicas não desempenham um papel significativo na formação de uma identidade nacional. Os estudos sobre os judeus latino-americanos, por exemplo, freqüentemente assumem que o apoio popular a organizações sionistas aconteceu primeira e principalmente para o estado de Israel.

Propomos que a pesquisa pergunte se a participação em atividades sionistas é necessariamente sobre a suposta pátria de Israel. Em outras palavras, a que pátria se referem as atividades sionistas na América Latina? Além disso, o suporte a Israel constitui realmente um ingrediente principal na identidade dos judeus latino-americanos? - uma posição amiúde avançada, mas dificilmente testada.<sup>29</sup> Algumas pesquisas recentes sugerem que a “atividade sionista” na Argentina, por exemplo, é uma estratégia que permite judeu-argentinos terem uma Patria-Mãe semelhante aos ítalo-argentinos (Itália) e espanhóis-argentinos (Espanha). Por este prisma, apoiar o sionismo seria a maneira judaica de ser tipicamente argentino.<sup>30</sup> A recente obra sociológica de Arnd Schneider sobre os cidadãos argentinos que obtiveram passaportes italianos sugere que manter um passaporte estrangeiro é fundamental para a identidade da classe média contemporânea argentina.<sup>31</sup>

(3) Muitos acadêmicos sugerem que o termo “pátria étnica” tem um compromisso com suas comunidades diaspóricas. Isto resulta do pressuposto

freqüentemente sem provas que o centro da identidade étnica coletiva deve sempre estar fora do país de residência. Também reflete uma relativa falta de debate sobre a localização do centro diaspórico e sua periferia. Os acadêmicos freqüentemente presumem que Israel tem um excepcional compromisso profundo com os judeus latino-americanos e que os seus interesses são similares ou complementares aos deles.

A produção recente desafia este pressuposto e sugere que a ligação entre a diáspora judaica e o Estado de Israel é semelhante a outras ligações Diáspora/Nacional.<sup>32</sup> Na verdade, muitos israelenses consideram a diáspora judaica com um certo desdém e os legisladores israelenses freqüentemente mostram pouca sensibilidade para com as necessidades e sensibilidades de cada comunidade judaica da América Latina. Essa atitude se refletiu, por exemplo, na decisão do governo de Israel de limitar a ajuda estendida às vítimas judaico-argentinas da ditadura argentina a fim de manter boas relações com a junta governante.<sup>33</sup> Esta atitude *realpolitik* é a soma da atitude sionista da “negação da diáspora” com a crença contemporânea em Israel de que os judeus da diáspora devem manter uma conexão unidirecional que inclui lealdade, apoio político e moral e assistência financeira.

(4) Muitos acadêmicos que estudam etnicidade na América Latina presumem que é o patrimônio que faz um membro de uma comunidade étnica. A produção acadêmica, portanto, reflete a posição de muitos latino-americanos que acreditam na mesma coisa. No entanto, quando se examina a exogamia, as taxas são muitas vezes acima de cinquenta por cento e muitas pessoas não se vêem (ou não desejam serem vistos como) membros de uma comunidade étnica formalmente constituída. Existem muitos estudos sobre líderes de comunidades étnicas e instituições, mas poucos sobre o que poderíamos chamar de “etnias não-afiliadas”.<sup>34</sup>

Essa ampla tendência se repete em estudos sobre os judeus latino-americanos. As pesquisas tem ignorado os cinquenta por cento (ou mais em muitos lugares) de judeus que não estão e nunca estiveram afiliados à instituições judaicas.<sup>35</sup> O termo freqüentemente utilizado “comunidade judaica” é enganoso se referirmo-nos apenas aos afiliados a organizações judaicas,

sinagogas, clubes sociais ou movimentos de juventude. Se documentarmos histórias de vida e recuperarmos as memórias de judeus não-afiliados, forneceríamos importantes lições sobre a natureza da identidade nacional e étnica. Os estudos poderiam ser conduzidos a partir de judeus casados com não-judeus, indivíduos que expressem sua identidade judaica com base antes em sua cultura, do que em sua religião ou etnia e autores que não explicitamente expressem seu judaísmo (lembramos da romancista judia-brasileira Clarice Lispector). Os estudos tradicionais, por exemplo, ignorariam pessoas como o compositor vencedor do Oscar Jorge Drexler (“Diários de Motocicleta”). Drexler, nascido no Uruguai de família judia alemã refugiada do nazismo, não fala alemão e possui um passaporte alemão. Ele viveu por um ano em Israel, mas se mudou para a Espanha por motivos profissionais. Embora suas primeiras canções sejam escritas em hebraico, ele é conhecido por suas obras em espanhol, incluindo algumas com temas judaicos como “Milonga del moro Judío” ou “*El pianista del gueto de Varsovia*”. Recentemente, Drexler foi entrevistado pelo The New York Times e caracterizou-se como um judeu e “*um monte de outras coisas também*”, já que ele não é afiliado a instituições religiosas e é casado com uma católica. Pessoas como Drexler, com identidade judaica forte mas não exclusiva, não devem ser ignorados.

(5) Grande parte da produção sobre etnicidade latino-americana observa corretamente que a maioria dominante dos discursos é freqüentemente racista. No entanto, há muitas vezes um fosso entre a retórica e a prática social. De fato, expressões racistas não impediram muitos grupos étnicos da América Latina de entrar nos setores dominantes políticos, culturais, econômicos e sociais. No entanto, os acadêmicos que focam no discurso tendem a achar vítimas, muitas vezes sugerindo que o racismo representa uma estrutura absolutamente hegemônica.<sup>36</sup> Assim, a formação da identidade étnica aparece baseada principalmente na luta contra a discriminação e a exclusão. Os acadêmicos que examinam o status social, por outro lado, chegam a uma conclusão diferente. Eles sugerem que o sucesso entre os asiáticos, descendentes do Oriente Médio e os judeus latino-americanos os colocam na categoria de “brancos”.<sup>37</sup>

A produção sobre os judeus latino-americanos é um exemplo disso. A literatura é quase uniforme em sugerir que o anti-semitismo na América Latina é mais forte do que em outras partes do mundo. Pode-se ter a impressão de que a vida dos judeus no continente é insuportável, um pesadelo contínuo.<sup>38</sup> No entanto, mesmo Haim Avni, cujo trabalho muitas vezes foca-se no anti-semitismo, tem observado corretamente o "*foco superdesenvolvido de energia na pesquisa [sobre] o anti-semitismo*".<sup>39</sup>

(6) Grande parte da literatura dá a impressão equivocada de que imigrantes homogêneos e não-estratificados descendem de comunidades étnicas. Os latino-americanos de ascendência asiática e do Oriente Médio parecem ser uniformemente de classe média ou superior, uma posição enfatizada por um foco acadêmico sobre as histórias de sucesso étnico como Alberto Fujimori (Peru), Celso Lafer (Brasil), ou Carlos Saúl Menem (Argentina). Esta imagem é ainda mais acentuada em relação aos judeus latino-americanos, que são apresentados na produção acadêmica como tendo rápida e exclusivamente se mudado para o status de classe média e média-alta. Esta suposição errônea leva muitos estudiosos a nem mesmo considerarem a pesquisa sobre os judeus da classe trabalhadora ou pobres.<sup>40</sup>

Há, no entanto, outras abordagens. Em primeiro lugar, podemos aprender uma lição com acadêmicos de cinema que corretamente observaram que em Hollywood, por exemplo, pessoas com nomes "não-judeus" não são necessariamente não-judeus. Quem sabe o que a biografia do líder trabalhista argentino Emilio Perrina, nascido Moisés Konstantinovsky, nos ensina sobre etnia? Em segundo lugar, os discursos sobre o anti-semitismo, mesmo quando emergem de poderosos centros de poder político, nem sempre se traduzem em opressão absoluta. Debater os discursos racistas, juntamente com a mobilidade individual e de grupo pode muito bem mudar nossa compreensão da natureza entre opressão e sucesso. Em terceiro lugar, questionamos se a identidade do grupo minoritário é essencialmente uma reação ao preconceito da sociedade. Os estereótipos funcionam muitas vezes por causa de suas suposições positivas e há uma distinção entre judeófobos (aqueles que odeiam todos os judeus) e anti-semitas (aqueles que possuem alguma ou muitas noções de grupo negativas

e estereotipadas sobre os judeus). Além disso, aqueles que expressam estereótipos negativos sobre os judeus (ou qualquer outro grupo étnico) podem também sustentar estereótipos positivos.

(7) Há uma série de outras áreas que tem sido pouco estudada nos Estudos Étnicos da América Latina em geral e nos Estudos sobre os Judeus Latino-Americanos especificamente. Um ponto notável é a questão de gênero.<sup>41</sup> Os estudos sobre mulheres judias na América Latina muitas vezes se concentram em prostitutas ou romancistas, embora as mulheres judias terem desempenhado papéis fundamentais em todos os aspectos da sociedade.<sup>42</sup> Como Sandra McGee Deutsch enfatizou no caso argentino, “as mulheres judias são praticamente ausentes das fontes históricas secundárias. Estudá-los é vital para seu próprio bem, para recuperar as vozes e contar as histórias não contadas da metade silenciada da população judaica”.<sup>43</sup> O mesmo vale para crianças e minorias sexuais.

(8) Outra questão diz respeito à apresentação de comunidades étnicas homogêneas (ou seja comunidade “judaica”, a comunidade “árabe”, a comunidade “asiática”). Enquanto as distinções são ocasionalmente mais refinadas (japoneses, chineses e indianos; sírios, libaneses e palestinos), a literatura é essencialmente monolítica e concentrada na comunidade. Examinar os grupos étnicos grosso modo ignora as divisões intra-étnicas que muitas vezes são replicadas por muitas gerações. O número de naturais de Okinawa, entre os Nikkei latino-americanos é muito grande, assim como o número de muçulmanos do Oriente Médio entre os que são frequentemente apresentados na produção acadêmica apenas como cristãos. Entre os judeus latino-americanos há falta de pesquisa sobre os judeus sefarditas, separados (como Ashkenazim) pela nação e pela cidade de origem.<sup>44</sup> No entanto, comunidades numericamente menores e sub-comunidades pode nos ensinar muito sobre relações étnicas, assim como o estudo de Leo Spitzer sobre os judeus na praticamente ignorada Bolívia tornou-se um modelo para o estudo da etnicidade, da diáspora e da memória.<sup>45</sup>

## CONCLUSÃO

Este ensaio propôs um tipo de “Novos Estudos Étnicos” para a América Latina e sugere que o estudo sobre os judeus latino-americanos é um exemplo de como isso pode ser implementado. No entanto, nossa ânsia de mudança é apresentada com o entendimento de que a nossa própria trajetória é baseada profundamente no que temos criticado. Na verdade, temos contribuído para muitos dos volumes mencionados e o nosso próprio conhecimento pode, por vezes, representar um exemplo das limitações dos “Velhos Estudos Étnicos”.

Ressalvas e autodenúncias de lado, esperamos que este ensaio não será lido somente por aqueles com interesse nos judeus latino-americanos. Os estudos étnicos, como esta nova revista deixa claro, não são apenas estudiosos sobre comunidades étnicas únicas (embora tais pesquisas sejam fundamentais), mas também sobre a comparação de múltiplos grupos étnicos no contexto nacional. Deste ponto de vista comparativo, muitas questões que podem parecer únicas para os judeus são na verdade de aplicabilidade geral. Talvez na América Latina a propriedade comutativa é verdadeira: se os judeus são como os asiáticos e os asiáticos são como os árabes, então árabes e judeus, em alguns aspectos, são de fato um só.

## NOTAS

\* Jeffrey Lesser é professor doutor e chefe do Departamento de História da Emory University, nos Estados Unidos. E-mail: [jlless@emoryuniversity.us](mailto:jlless@emoryuniversity.us)

\*\* Raanan Rein é professor doutor de História da Tel Aviv University, em Israel. E-mail: [raananrein@gmail.com](mailto:raananrein@gmail.com)

\*\*\* Luciano Dutra de Oliveira é cientista social pela Fundação Santo André. E-mail: [luciano\\_dutra@hotmail.com](mailto:luciano_dutra@hotmail.com). Traduzido a partir do artigo original em inglês *New Approaches to Ethnicity and Diaspora in Twentieth Century Latin America: Using Jews as a Lens*.

<sup>1</sup> Uma versão deste ensaio irá aparecer como a introdução de um volume em andamento, intitulado “*Latino-Americanos judeus ou judeus latino-americanos? Novas Abordagens para os Estudos sobre os Judeus Latino-Americanos*”. Os autores agradecem aos seguintes colaboradores para esse volume por seus comentários: Edna

Aizenberg, Sandra McGee Deutsch, José Moya, Judah Cohen, Rosalie Sitman, e Erin Graff Zivin. Os autores agradecem especialmente a Fabrício Prado por sua ajuda com a edição final deste ensaio.

<sup>2</sup> Appelbaum, N; Macpherson, A. & Roseblatt, K. (eds) (2003) *Race and Nation in Modern Latin America* Chapel Hill, University of North Carolina Press; Hanchard M. (ed) (1999) *Racial Politics in Contemporary Brazil* Durham NC, Duke University Press; Baily S. & Míguez, E. (eds) (2003) *Mass Migration to Modern Latin America* Wilmington, Delaware, Scholarly Resources.

<sup>3</sup> A maioria das pesquisas sobre a comunidade judaica brasileira, por exemplo, saiu do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo e do Programa de Estudos Judaicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> CASHMORE, E. *Dictionary of race and ethnic relations*. 3ª ed. London, New York, Routledge, p. 102. 1994.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, os volumes anuais de Singer, D. & Grossman, L. (eds.) (vários anos) *Livro do Ano Judaico-Americano de 2004: O Registro Anual da Civilização Judaica* New York, Comitê Judaico-Americano. O Comitê Judaico-Americano também produziu Comunidades Judias de Latinoamérica. Veja também os estudos produzidos pela B'nai British International Latin American Affairs Division (2005) disponível em:

<http://www.bnaibrith.org/ppolicy/lamerica/index.cfm?region=0>;

<sup>6</sup> RAFFALOVICH, I. 'The Condition of Jewry and Judaism in South America' in *Central Conference of American Rabbi's Yearbook XI*. New York, Central Conference of American Rabbi's. 1930; COHEN, J. *Jewish Life in South America: A Survey Study for the American Jewish Congress*. New York, Bloch Publishing. 1941; BELLER, J. *Jews in Latin America*. New York, Jonathan David Publishers. 1969; COHEN, M (ed) *The Jewish Experience in Latin America* (2 vols). Philadelphia, American Jewish Historical Society. 1971; SCHMELZ U. & DELLAPERGOLA, S. *Hademografia shel hayehudim be-Argentina ube-artzot aherot shel America halatinit* [A demografia dos judeus na Argentina e em outros países da América Latina]. Tel Aviv, Tel Aviv University. 1974; ELKIN, J. *Jews of the Latin American Republics*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press. 1980; ELKIN J. & MERKX, G. (eds) *The Jewish Presence in Latin America*. Boston, Allen and Unwin. 1987; AMILAT (publicado a cada quatro anos desde 1988) *Judaica Latinoamericana: Estudios Histórico-Sociales*. Jerusalem, Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea.

<sup>7</sup> GRUEN, E. *Diaspora: Jews amidst Greeks and Romans*. p. vii. Cambridge, Harvard University Press. 2002.

<sup>8</sup> Organización Sionista en el Uruguay. *El Sionismo en el Uruguay*. editado con motivo del 25 aniversario de la Organización Sionista en el Uruguay. Montevideo, Editorial e Imprenta "ANCLA" de Bernardo Margulies. 1943; Tsentral farband fun Galitsyaner Yidn in Argentine. *Galitsyaner yidn: yoyvelbukh*. Buenos-Aires, Tsentral farband fun Galitsyaner Yidn in Argentine. 1966; NASSÍ, M. *La comunidad ashkenazi de Caracas: breve historia institucional*. Caracas, Unión Israelita de Caracas. 1981; WOLFF, E. & WOLFF, F. *Natal, uma comunidade singular*. Rio de Janeiro, Cemitério Comunal Israelita. 1984; SEM AUTOR. *Medio Siglo de Vida Judía en La Paz*. La Paz: Circulo Israelita. 1987; TRACHTEMBERG, S. *Los Judíos de Lima y las Provincias del Perú*. Lima, Unión

Israelita del Perú. 1989; BACKAL, A. (ed). *Generaciones judías en México: la kehilá ashkenazí* (1922-1992) 7 volumes. México, D.F., Comunidad Ashkenazí de México. 1993.

<sup>9</sup> Alguns trabalhos recentes sobre outras comunidades étnicas incluem Hirabayashi, L; Kikumura, A. & Hirabayashi, A. (eds.) (2002) *New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan* Stanford: Stanford University Press; Karam, J. (2003) *'Distinguishing Arabesques: The Politics and Pleasures of Being Arab in Neoliberal Brazil'* Dissertação de Ph.D. Syracuse University, Departamento de Antropologia; Siu, LCD (2005) *Memories of a Future Home: Diasporic Citizenship Of Chinese In Panama* Stanford, Stanford University Press. Para trabalhos anteriores ver Levine, R. (1980) *Race and ethnic relations in Latin America and the Caribbean: an historical dictionary and bibliography* Metuchen, NJ, Scarecrow Press.

<sup>10</sup> Para obter uma lista pré-1990 de obras sobre os judeus latino-americanos ver Elkin, J. & Sater, A. (1990) *Latin American Jewish Studies: An Annotated Guide to the Literature* New York, Greenwood Press. O Dr. David Hirsch compilou uma lista atualizada na Biblioteca UCLA, que pode ser encontrada em Hirsch, D. (1998) *Latin America Jewish Studies – a Guide to the Literature* disponível em <http://www.library.ucla.edu/libraries / / url Colls / judaica / lajs.htm>

<sup>11</sup> AVNI, H. & SHAPIRA, Y. Teaching and Research on Latin America in Israel. *Latin American Research Review*, vol 9, no.3, pp. 39-51. 1974.

<sup>12</sup> Para publicações de Avni mais antigas, consulte o Avni, H. (2001) 'apêndice' em AMILAT, *Yahadut Amerikah ha-Latinit: kovets ma'amarim li-khevod Hayim Avni*. (Judaísmo Latino-Americano: Ensaio em homenagem a Haim Avni) Jerusalém, Hebrew University Press.

<sup>13</sup> ROCK, D. Ideas, *Immigrants et Alia in Nineteenth and Twentieth Century Argentina*. *Latin American Research Review*. vol. 9, no.1, pp. 172-183. 1994; AVNI, H. *Argentina and the Jews: A History of Jewish Immigration*. Traduzido do Hebraico por Gila Brand. Tuscaloosa, University of Alabama Press. 1991.

<sup>14</sup> SABLE, M. H. *Latin American Jewry: A Research Guide*. p. xi. New York, Ktav Pub. House. 1978.

<sup>15</sup> ELKIN, J. (ed) *Resources for Latin American Jewish studies: proceedings of the first research conference of the Latin American Jewish Studies Association*. Latin American Jewish Studies Association. 1st Research Conference. Cincinnati, OH. 1982.

<sup>16</sup> ELKIN, J. *Jews of the Latin American Republics*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press. 1980.

<sup>17</sup> Uma seleção dos trabalhos desta primeira conferência foi publicada em Elkin J. & Merkx, G. (eds.) (1987) *The Jewish Presence in Latin America*. Boston, Allen and Unwin.

<sup>18</sup> ELKIN, J. *op. cit.* 1980.

<sup>19</sup> ELKIN J. & MERKX, G. (eds) *The Jewish Presence in Latin America*. Boston, Allen and Unwin. 1987; SHEININ, D. & BARR, L. (eds) *The Jewish Diaspora in Latin America: New Studies on History and Literature*. New York, Garland. 1996; RUGGIERO, K. (ed) *The Jewish Diaspora in Latin America and the Caribbean: Fragments of Memory*. Brighton, Sussex Academic Press. 2005; AGOSÍN, M. (ed) *Memory, Oblivion, and Jewish Culture in Latin America*. Austin, University of Texas Press. 2005. LIWERANT J. & BACKAL, A. (eds) *Encuentro y Alteridad*,

Vida y Cultura Judía en América Latina. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo de Cultura Económica. 1999.

<sup>20</sup> GRIN M. & VIEIRA, N. (eds) *Experiência cultural judaica no Brasil / Recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro, Topbooks. 2004; FEIERSTEIN, R. & SADOW, S. (eds) *Recreando la cultura judeoargentina: 1894-2001: en el umbral del segundo siglo: encuentro 2001*. Buenos Aires, Mila. 2002; LIWERANT, J. *Imágenes de un encuentro: la presencia Judía en México durante la primera mitad del siglo XX*. Mexico, UNAM/Tribuna Israelita. 1992.

<sup>21</sup> LESSER, J. *Welcoming the Undesirables: Brazil and the Jewish Question*. Berkeley, University of California Press. 1994; CIMET, A. *Ashkenazi Jews in Mexico: Ideologies in the Structuring of a Community*. Albany, State University of New York Press. 1997; MORRIS, K. *Odyssey of Exile: Jewish Women Flee the Nazis for Brazil*. Detroit, Wayne State University Press. 1996; LEVINE, R. *Tropical Diaspora: The Jewish Experience in Cuba*. Gainesville, University of Florida Press. 1993.

<sup>22</sup> ELKIN, J. *op. cit.* 1980; TOKER, E. *El yidish es también latinoamerica*. Buenos Aires, Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos. 2003.

<sup>23</sup> REIN, R. *Jewish History*. vol 18, no. 1, número especial sobre "Gender, Ethnicity, and Politics: Latin American Jewry Revisited". 2004; VIEIRA, N. *Shofar*. vol 19, no. 3. número especial sobre "The Jewish Diaspora of Latin America". 2001; AIZENBERG, E. *Book and Bombs in Buenos Aires: Borges, Gerchunoff, and Argentine-Jewish Writing*. Hanover and London, University Press of New England. 2002.

<sup>24</sup> ELAZAR, D. & MEDDING, P. *Jewish Communities in Frontier Societies: Argentina, Australia and South Africa*. New York, Holmes & Meier. 1983.

<sup>25</sup> HOURANI, A. & SHEHADI, N. (eds) *The Lebanese in the World: A Century of Emigration*. London and New York, I.B. Tauris and St. Martin Press. 1992; KLICH, I. & LESSER, J. *The Americas*, vol. 53, no. 1 edição especial sobre "Turco Immigrants in Latin America". 1996; LESSER, J. (ed) *Searching for Home Abroad: Japanese – Brazilians and Transnationalism*. Durham, Duke University Press. 2003; ANDERSON, W. & LEE, R. (eds) *Displacements and Diasporas: Asians in the Americas*. New Brunswick, Rutgers University Press. 2005.

<sup>26</sup> Duas tentativas iniciais de tal abordagem são Klich, I. & Lesser, J. (eds.) (1998) *Arab and Jewish Immigrants in Latin America: Images and Realities* Londres, Frank Cass e Lesser, J. (1999) *Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities and the Struggle for Ethnicity in Brazil*, Durham, Duke University Press - Versão em Português: (2001) *Negociando a Identidade Nacional: Imigrantes, Minorias e a Luta pela Etnicidade no Brasil*. São Paulo, Editora UNESP

<sup>27</sup> BORGES J. L. 'Prologo' in GRÜNBERG, C. M. . *Mester de judería*. Buenos Aires, Editorial Argirópolis. 1940.

<sup>28</sup> Para os primeiros exemplos deste esforço para explorar as relações entre judeus, outros imigrantes europeus e as populações locais, consulte Jacobson, S. (1999) *Looking Forward to the Past: The Ultra-Orthodox Jewish Community of Buenos Aires*. Dissertação Ph.D. Stanford University; Klein, M. (2002) *Braided Lives: On Being Jewish and Brazilian in São Paulo* Ph.D. dissertação. Universidade da Califórnia, Bekeley; Freidenberg, J. (2005) *Memórias de Villa Clara* Buenos Aires: Antropofagia; Porzecanski, Teresa (2005) *La vida empezó acá:*

inmigrantes judíos al Uruguay: *historias de vida y perspectiva antropológica de la conformación de la comunidad judía uruguaya, contrastes culturales y procesos de enculturación*. Montevidéo, Lindari y Risso.

<sup>29</sup> AVNI, H. 'El sionismo en la Argentina: el aspecto ideológico' in AMILAT, Judaica Latinoamericana: Estudios Histórico-Sociales, no. 5. Jerusalem, Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea pp.145-168. 2005; SCHENKOLEWSKY-KROLL, S. *ha-Tenu`ah ha-Tsionit veba-miflagot ha-Tsioniyot be-Argentinah*, 1935-1948 [Hebreus - O Movimento Sionista e os Partidos Sionistas na Argentina, 1935-1948]. Jerusalem, Magnes Press. 1996; BOKSER, J. El movimiento nacional judío: el sionismo en México, 1922-1947. Ph.D. dissertation. UNAM, Mexico. 1991; FRIESEL, S. Bror Chail: História do Movimento e do Kibutz Brasileiro. Jerusalem, Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial. 1956.

<sup>30</sup> REIN, R. 'Together yet Apart: Israel and Argentine Jews' Conference of the Latin American Jewish Studies Association Dartmouth College. 2004; LEWIS, M. 'Becoming 'Israelitas-Argentinos': Looking for Argentine Sephardic Identity in the Weekly Israel, 1925-1935. Conference of the Latin American Jewish Studies Association Dartmouth College. 2004.

<sup>31</sup> SCHNEIDER, A. *Futures lost: nostalgia and identity among Italian immigrants in Argentina*. Oxford [England]. New York, P. Lang. 2000.

<sup>32</sup> Um ensaio recente que questiona o pressuposto da excepcionalidade judaica é Sheffer, G. (2005) 'Is the Jewish Diaspora Unique? Reflections on the Diaspora's Current Situation' Israel Studies vol 10, no. 1, pp. 1-35. Veja também Rein, R. (2003) *Argentina, Israel and the Jews: Peron, The Eichmann Capture and After Bethesda*, University Press of Maryland. Em espanhol (2001) *Argentina, Israel y los judíos: encuentros e desencuentros, mitos e realidades* Buenos Aires: Ediciones Lumiere.

<sup>33</sup> Para a polêmica em torno deste debate, ver Zohar, M. (1990) *Shalah et `ami la-`azazel : begidah be-khahol lavan : Yi `sra`el ve-Argentinah : kakh hufkeru Yehudim nirdefe shilton ha-generalim* (Deixe meu povo ir à Perdição: Traição em Azul e Branco) Tel Aviv, Tsitrin; Roniger, L. & Sznajder, M. (2005) 'From Argentina to Israel: Escape, Evacuation and Exile' Journal of Latin American Studies vol. 37 no. 2, pp. 351-377; Barromi, J. (1995) 'Israel frente a la dictadura militar argentina. El episodio de Córdoba y el caso Timerman'. In *El legado del autoritarismo: derechos humanos y antisemitismo en la Argentina contemporánea* L. Senkman & M. Sznajder(eds) Grupo Editor Latinoamericano, Buenos Aires.

<sup>34</sup> HIRABAYASHI, L; KIKUMURA, A. & HIRABAYASHI, A. (eds) *New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan*. Stanford, Stanford University Press. 2002; Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil: Uma Epopeia Moderna. São Paulo, Editora Hucitec. 1992; BJERG, M. & OTERO, H. (eds) *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna* Tandil, CEMLA, IEHS. S/D; HOURANI, A. & SHEHADI, N. (eds) *The Lebanese in the World: A Century of Emigration*. London and New York, I.B. Tauris and St. Martin Press. 1992; MOYA, J. C. *Cousins and strangers: Spanish immigrants in Buenos Aires, 1850-1930*. Berkeley, University of California Press. 1998.

<sup>35</sup> Dentre os poucos estudos que incluem judeus não-afiliados estão Rattner, H. (1977) *Tradição e Mudança: A Comunidade Judaica em São Paulo*. São Paulo, Editora Atica; e Sofer, E. (1982) *From Pale to Pampa: A Social History of the Jews of Buenos Aires* New York, Holmes e Meier.

<sup>36</sup> KLICH, I. & RAPOPORT, M. (eds) *Discriminación y Racismo en América Latina*. Buenos Aires, Grupo Editor Latinoamericano. 1997; DREHER, M; RAMBO, A; TRAMONTINI, M. (eds) *Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre, Instituto Histórico de São Leopoldo. 2004;

<sup>37</sup> ANDREWS, G. R. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Madison, University of Wisconsin Press, 1991; STAM, R. *Tropical Multiculturalism: A Comparative History of Race in Brazilian Cinema and Culture*. Durham, Duke University Press. 1998; REINA, R. E. *Parana – Social Boundaries in an Argentine City*. Austin, University of Texas press. 1973.

<sup>38</sup> CARNEIRO, M.L.T. *O anti-semitismo na era Vargas: Fantasmas de uma geração, (1930-1945)*. São Paulo, Brasiliense. 1988; BEN-DROR, G. *Católicos, nazis y judíos: la Iglesia argentina en los tiempos del Tercer Reich*. Buenos Aires, Lumiere. 2003; ROSALES, L. P. 'Anticardenismo and Anti-Semitism in Mexico, 1940' *In The Jewish Diaspora in Latin America: New Studies on History and Literature*. New York, Garland pp. 183-197. 1996; BEJARANO, M. 'Antisemitism in Cuba under Democratic, Military and Revolutionary Regimes, 1944-1963' *Patterns of Prejudice* vol 24, no. 1, pp. 32-46. 1990; ADRIGHI, C. et al *Antisemitismo en Uruguay: Raices, Discursos, Imágenes*. Montevideo, Trilce. 2000.

<sup>39</sup> Avni, H. (1996) 'Post war Latin American Jewry: An Agenda for the Study of the last Five Decades' *In D. Sheinin & L. B. Barr (eds) The Jewish Diaspora in Latin America: New Studies on History and Literature* New York, Garland pp. 3-19. Em um artigo recente Bernardo Sorj caracterizou a maioria dos estudos sobre o anti-semitismo no Brasil como uma bruta inflação e exagero. Ver Sorj, B. (2005) 'La sociabilidad Brasileira y la identidad Judia' Colóquio Internacional "Las Identidades judías en una era de globalización y multiculturalismo" Cidade do México.

<sup>40</sup> Rafael Kogan e David Diskin, ambos tornaram-se partidários de Perón. Foram figuras-chave nos sindicatos da Argentina em 1940, mas receberam pouca atenção dos estudiosos até agora.

<sup>41</sup> Um volume recente que representa um passo importante é Mallon, FE (2005) *Courage Tastes of Blood: the Mapuche of Nicolás Aliaño and the Chilean State, 1906-2001* Durham, NC, Duke University Press.

<sup>42</sup> BRA, G. *La organización negra: la increíble historia de la Zvi Migdal*. Buenos Aires, Corregidor. 1982; MIRELMAN, V. *En búsqueda de una identidad: los inmigrantes judíos en Buenos Aires, 1890-1939*. Buenos Aires, Editorial Milá. 1988; GUY, D. J. *Sex and Danger in Buenos Aires: Prostitution, Family, and Nation in Argentina*. Lincoln and London, University of Nebraska Press. 1991; GLICKMAN, N. *The Jewish White Slave Trade and the Untold Story of Raquel Libernan*. New York, Garland Pub. 2000; VINCENT, I. *Bodies and Souls: the Tragic Plight of Three Jewish Women Forced into Prostitution in the Americas*. New York, William Morrow. 2005; KUSHNIR, B. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as polacas e suas associações de ajuda mútua*. Rio de Janeiro, Imago Editora. 1996.

<sup>43</sup> DEUTSCH, S. M. *'Changing the Landscape: The Study of Argentine Jewish Women and New Historical Vistas'* *Jewish History* vol. 18 no. 1, pp. 49-73. 2004.

<sup>44</sup> Margalit Bejarano examina a modesta produção sobre os judeus sefarditas na América Latina em seu artigo recente: Bejarano, M. (2005) *'Sephardic Communities in Latin America – Past and Present'* in AMILAT, *Judaica Latinoamericana: Estudios Histórico-Sociales* Jerusalem, Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea pp. 9-26. Veja também Halabe, L. H. (1977) *Identidad colectiva: Rasgos culturales de los inmigrantes judeo alepinos en México* Mexico City, JGH Editores, and Brodsky, A. M. (2004).

<sup>45</sup> SPITZER, L. *Hotel Bolivia: the culture of memory in a refuge from Nazism*. New York, Hill and Wang, 1998.